

Dione Souto Rosa

O Filho de
Medusa



O FILHO DE MEDUSA – POR DIONE SOUTO ROSA

O FILHO DE MEDUSA

Dione Souto Rosa

autora

O Filho de Medusa
Copyright © por Dione Souto Rosa
Projeto editorial por Ademir Pascale
Imagem da capa: by Vagner Penna

Fábrica de Ebooks
www.fabricadeebooks.com.br

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização da autora
Obra protegida por direitos autorais

2015

O Filho de Medusa

Serpenteando as margens do rio Styx nota-se um longo caminho marcando a entrada da esplanada de gigantescas árvores que levam floresta adentro. Copas avolumadas esvoaçam os ares numa música inquieta e misteriosa. Não se pode caminhar sem um bom facão para quebrar os galhos da vegetação que atinge a altura de um metro a partir do chão. Ninguém tem interesse em caminhar entre os galhos secos e ouvir sons assustadores parecendo lamentos, mas talvez alguém tenha...

À medida que se avança muito a frente, o cenário fica impactante: um grande templo se erige atrás de duas majestosas colunas. Um grande *hall* leva o visitante ao interior de um local esquecido e com aspecto aterrador. Não se pode simplesmente entrar. O incauto não sabe do que se trata, mas o erudito desconfia que aquele recinto abriga algo tão terrível que pensa que seria melhor dar meia volta, e regressar. Algo tão assustador que a mente humana não conseguisse entender. Nessa localidade se suspeita de que está escondido o mais abominável de todos os seres: aterrador, desprezado pelos deuses e pelos humanos, e em forma feminina. O local guarda Medusa, a sacerdotisa de Atena possuída por Poseidon em seu templo. O castigo foi a maldição sob uma forma horrível. Serpentes em lugar de cabelos, corpo meio humano e meio serpente, mas bela de rosto, pois a sua beleza não pôde ser destruída pela deusa. Diz-se que é possível que Medusa tivesse se considerado mais bela que Atena e a deusa a odiara por isso, condenando-a naquela forma.

Na mitologia, Medusa viveu seu martírio até o momento em que um semideus, Perseus, filho de Zeus arrancou a sua cabeça para destruir o Kraken, o temível monstro marinho de Poseidon. No interior do templo em que viveu, um fogo crepitava das tochas ainda acesas quando sua cabeça foi decepada. Assim sendo, a maldição chegou ao fim e Medusa pôde descansar. Perseus usou os presentes dados por Zeus como o escudo e espada para auxiliá-lo e, graças ao seu reflexo conseguiu enganá-la e arrancar a sua cabeça. O sangue venenoso jorrou abundante de seu pescoço e seu corpo se debateu convulsivamente até a morte. Tão logo Perseus usou a cabeça de Medusa para petrificar o Kraken, ele a lançou no mar. O que teria ocorrido à cabeça? A maldição realmente teria se encerrado? A cabeça teria se consumido no sal, ou comida por alguma criatura do mar?

Marcos e Niara, dois arqueólogos e mergulhadores brasileiros, oriundos da cidade de Curitiba, Paraná seguiam uma antiga lenda grega que dizia que a cabeça de Medusa estava no fundo do mar, em algum lugar do mar Egeu. Uma lenda ou uma loucura? Seria possível que o mito tivesse existido? Ambos estavam dispostos a descobrir. Viajaram para a Grécia financiada por um programa de pesquisas com uma equipe de mergulhadores e um navio equipado para todas as atividades que fossem necessárias na investigação desse mito. O que quer que pudesse ser encontrado em relação à Medusa seria suficiente para esclarecer se o mito existiu, ou não.

Numa manhã quente e ensolarada com o céu límpido e claro ambos mergulharam nas águas azuladas e profundas do mar, auxiliados pela equipe. As condições eram as melhores para o mergulho, mas o trabalho era exaustivo até conseguir chegar ao fundo do oceano. Quando finalmente o alcançaram se viram cercados de rochas. Os quatro mergulhadores ficaram do lado de fora dos

rochedos, e Marcos e Niara entraram. Remexeram a porção de areia que havia no fundo do mar buscando objetos ou vestígios relevantes.

De repente, Marcos encontrou algo e subiram rapidamente à superfície.

— Niara, o que é isto? — proferiu impactado.

— Será que seria possível? Parece...

— Não devemos retirá-la deste compartimento. — Marcos tocou-a com mais ênfase e teve certeza de que se tratava da cabeça de Medusa! — Devemos removê-la para o museu, conforme nosso contrato.

— Devemos ter certeza de que é a cabeça dela. Não podemos abrir aqui, pois dela ainda pode vir algum mal. Caso encontrássemos o seu templo o nosso trabalho estaria perfeito.

— Seria uma descoberta incrível. — Marcos ficou em estado de ansiedade geral.

Enquanto conjecturavam, um redemoinho em espiral se aproximou dos arqueólogos, tragando-os para baixo, girando-os e fazendo-os se enroscarem nos cabos e tubos de oxigênio. Enquanto se debatiam nas águas, sequer perceberam para onde foram levados... Tudo ficou confuso, como se uma grande bruma envolvesse os óculos de todos. Os quatro mergulhadores foram deslocados para o fundo do oceano, bem como Marcos e Niara. A pressão de subir e descer deixou a todos tontos e inconscientes. Nada mais se viu nesse momento, ou se soube onde Marcos e Niara foram parar...

Poseidon havia se enfurecido com Atena por ter transformado a linda Medusa num monstro, mas nada pôde fazer em seu favor. Todavia, quando ele soube que ela morrera e sua cabeça fora lançada ao mar, tratou de tomar providências para ocultá-la no fundo do oceano. Sepultou a sua cabeça entre as rochas e dentro de um compartimento dourado e daquele reduto não sairia jamais. Nenhum homem poderia encontrá-la. Frise-se que homem, porque foi um homem que arrancara a sua cabeça. As mulheres não tinham permissão de pisar no templo de Medusa, por força do “Consolo de Atenas”, o qual impedia que elas fossem feridas. Todavia Poseidon criou uma nova maldição. Só que o que ninguém imaginava é que a terrível maldição que transformou a sacerdotisa Medusa se transformara em objeto de vingança por parte do deus. Ele queria revanche com Atena. E teria. Que mulher poderia entrar no templo e não sofrer uma maldição? Será que ele pouparia alguma mulher ou faria todas pagarem pela sua amada Medusa ter sido tão ultrajada? Haveria alguém que mudaria esse desejo?

Ao encontrar a cabeça de Medusa escondida por Poseidon, Niara, a mulher que Marcos desejava conquistar, o arqueólogo brasileiro não imaginava a confusão em que estava metido e muitas surpresas estariam por vir...

Após toda a confusão ocorrida no fundo do mar, os dois arqueólogos foram transportados até o rio Styx, o famoso rio que faz fronteira com o mundo dos mortos. Ambos despertaram assustados, tossindo muito e em pânico:

— Onde estamos? — proferiu Niara.

— Não sei, mas logo saberemos.

Caminharam pelas margens, sem reconhecer qualquer parte do local e se sentaram, exaustos. Enquanto se entreolhavam com fome e sede, algo lhes chamou a atenção.

Entre as densas brumas que cobriam o rio, de repente dois olhos vermelhos foram identificados no nevoeiro. Um ser sem rosto envolto em longas vestes negras remava numa embarcação, cuja ponta terminava numa grande estátua de caveira. Não podia ser. Mas era. Marcos e

Niara ficaram de boca aberta. Era Caronte, o barqueiro. Ele exigia a moeda para o transporte. Ele sabia que um deles estava disposto a cruzar o rio e ir até o templo de Medusa.

O homem sem face se aproximou e esticou a mão dizendo:

— A moeda. — Niara depositou uma moeda em sua mão.

Marcos e Niara denotaram a intenção de subir na barca.

— Só a mulher pode atravessar. Não é permitido homens. — Dizia uma estranha voz no fundo daqueles olhos apavorantes.

— O quê? Não posso deixar que ela atravesse sozinha.

— Querem ver o templo de Medusa? Apenas a mulher poderá. — autorizou Caronte.

— O que houve com “O consolo de Atenas”? — Niara perguntou.

— Só a mulher. — Caronte disse inflexível.

— O que faremos? — Marcos olhou para Niara.

Niara engoliu duro e foi resoluta:

— Não se preocupe. Eu atravessarei e verei o templo. Fotografarei apenas. Você tem o que é mais precioso, e que está com você. — E olhou para a mão esquerda de Marcos.

— Não posso arriscar a sua vida. Não deixarei que vá sozinha. Vamos voltar.

— Vou apenas tirar fotos. Voltarei em breve. Espere-me aqui. Não há ninguém no templo. Não pode haver qualquer perigo. Se o mito é real como estamos tentando provar, o templo está vazio. Afinal, queremos provar que tudo isso é real, não é? Eu farei isso com ou sem a sua aprovação.

— Estou apavorado com a ideia, mas você tem razão. Cuide-se. — E tentou dar-lhe um beijo na boca, mas ela recusou.

Niara atravessou o rio com o barqueiro assustador. Nada se via na paisagem, exceto as brumas. Após uma hora de travessia, ela identificou terra firme.

O barqueiro avisa:

— Cuidado.

— Devo temer por algo?

— Há diversos tipos de perigo. Nem sempre o físico é o pior.

— O que está insinuando? Há alguém lá?

— Descubra por si só.

— De qualquer forma, nada pode me machucar. Atena protege as mulheres.

O barqueiro fez que não ouviu e deu meia volta, regressando, e desaparecendo entre as brumas.

Niara caminhou bastante até se deparar com árvores e mata alta. Usando uma faca foi cortando o mato como pôde. Na sequência se deparou com um grandioso templo de colunas muito altas. Só podia ser aquele o templo de Medusa. Ela ajeitou a máquina fotográfica e ficou encantada com a beleza da arquitetura grega. O caminho dava a uma esplanada de estátuas nos dois lados da paisagem. No final do corredor de colunas havia um caminho para a esquerda. Nesse outro corredor havia diversas estátuas de mulheres. Seriam mesmo mulheres, ou mulheres petrificadas? *Não pode ser, mulheres não podem sofrer qualquer penalidade. Meu Deus, o que está acontecendo?* E começou a ficar preocupada. Ela estava cada vez mais segura de que o templo de Medusa era aquele. A cabeça que tinham encontrado no oceano era apenas uma perspectiva da existência do mito, mas com certeza era a cabeça dela. Ademais, tanto ela como Marcos temiam que a maldição

fosse real e acharam melhor desembrulhar o invólucro quando tivessem em território seguro. Ela só precisava achar evidências de que o templo de Medusa existiu.

A jovem arqueóloga seguiu pelo corredor a tudo fotografando sem tocar em nada, pois não pretendia furtar nenhum artefato. Ela olhava atentamente para tudo e para cada coisa que pudesse se mover. Os seus olhos estavam num alerta absoluto e, se alguém aparecesse, ela reagiria. Niara havia treinado vários tipos de luta, aliada a sua irrepreensível condição de atleta e mergulhadora. Estudara arco e flecha, espada e arte de guerra.

Niara subiu as escadas e entrou no templo gigantesco. O local inspirava medo. Várias tochas instaladas nas paredes queimavam ininterruptamente. As paredes úmidas e escuras davam um tom permanente de agonia. Embora Medusa estivesse morta, parecia que ela estava mais viva que nunca, pois a sua energia estava em tudo. Ela fotografou cada parte do templo. Havia colunas lindas com arabescos diversos aludindo a Medusa. Havia desenhos dela com o ventre inchado. Parecia gravidez. Como? Medusa grávida? Impossível. O seu coração bateu descompassado. O medo instalou-se em suas artérias. As suas pupilas se estreitaram devido à parca luminosidade. O suor frio empapou-lhe as costas e mãos. Transpirou abundantemente na nuca e os cabelos ficaram úmidos. Ela sentiu a respiração ficar difícil e seus olhos estavam atentos. Tinha certeza de que havia alguém no templo. Caronte havia deixado transparecer que havia perigo, mas ela, por sua ambição havia ignorado o aviso. Já teve um grande indício, que era a cabeça dela, para quê querer mais? Coisas que só se pensa quando se está numa situação difícil e com receio de ser morto a qualquer momento.

A arqueóloga continuou andando pelo interior do templo, que era um grande labirinto. Dava voltas e voltas e não chegava a lugar algum. Quando terminava uma alameda de colunas, começava outra. Ela estava perdida. Em meio a essa situação ficou confusa e atormentada e, aliada a fome e sede, desmaiou. Será que teria sido o seu fim?

Não, não dessa vez. Ao acordar, se viu deitada numa cama confortável em meio a ambiente rico e acolhedor. A luminosidade vinha do lado esquerdo e de um candeeiro colocado no canto do quarto, e velas iluminavam as laterais da cama. Ela abriu e fechou os olhos, pois não tinha certeza se estava viva, ou morta, ou num sonho. A sua máquina fotográfica estava em cima de um aparador e ela se levantou para buscá-la. A porta estava aberta e ela se sentiu tentada a sair e explorar o local, embora estivesse preocupada com a sua chegada até aquele cômodo. Se tudo aquilo era real, quem a teria trazido para aquele quarto?

Ela seguiu por um corredor escuro e buscou uma pequena lanterna que possuía em seu bolso. Acendeu e caminhou desconfiada. Continuou caminhando lentamente, sentindo apenas a própria respiração e confiando nos seus instintos. Estava atenta a qualquer olhar, ou movimento. Uma porta a sua frente estava aberta e ela saiu num local ao ar livre rodeado de colunas com uma enorme fonte ao meio, jorrando ouro. Niara ficou petrificada no sentido amplo da palavra. Buscou sua máquina fotográfica para tirar foto, mas ao olhar novamente para a fonte viu algo estarrecedor. À sua frente e atrás da fonte, no alto de uma escadaria viu um estranho ser descendo a escada. Era um ser meio homem, meio cobra. Um naga descia sinuosamente pelos degraus. A sua aparência era estonteante. Os cabelos longos lisos azulados caindo até abaixo da cintura com serpentes na ponta dançando de um lado a outro. Os olhos da cor do céu nos dias mais radiantes iluminavam o seu rosto sem sobrancelhas e fronte levemente abaulada como a cabeça de uma serpente. A boca bem feita de um tom avermelhado era grande e carnuda. Ele era assustador e impactante ao mesmo tempo. Sedutor seria a palavra certa e ele a olhou hipnoticamente:

Niara ficou sem saber o que fazer, e apenas disse:

– Quem é você?

– Eu sou o que a sua alma deseja...

– Como pode saber o que desejo?

– Sei de muitas coisas pela intuição. Sou Medeus, o filho de Medusa.

– Filho de Medusa? Como pode ser possível? — Niara pensou que tinha enlouquecido.

– Sou filho dela e de Poseidon. Após Perseus matar minha mãe, eu vim à vida antes do momento. Ela estava grávida. Cresci sozinho. As serpentes foram a minha família. Moro no templo dela e a maldição foi alterada por Poseidon. Nenhum homem pisa no templo mais, e ficará apenas a mulher que eu quiser.

– Você não transforma as pessoas em pedra, ou transforma como fazia sua mãe?

– Petrifico aquelas que vêm saquear o templo. Não permito que levem nada.

Niara ficou muito assustada temendo qualquer represália por parte do naga. Ela sabia que estava no espaço sagrado dele. Caronte sabia da existência do naga, mesmo assim nada disse. Não teria dito nunca.

– O que quer aqui? — O naga disse em tom inquiridor.

– Não pretendo subtrair nada. Vim apenas para tirar fotos. — E tocou na máquina fotográfica sobre o seu pescoço.

O naga não entendeu nada do que ela disse e chegou bem perto dela, retirando a máquina fotográfica do seu pescoço. Niara começou a ficar gelada. Sentiu as mãos frias e os olhos piscavam sem cessar. Os lábios ressecaram e um leve tremor tomou conta das suas mãos. Delicadamente, ele tocou os seus cabelos vermelhos e cacheados. As mãos de aspecto escamado e longas unhas tocando o seu rosto a assustaram e o contato com aquela pele a fez sentir medo. *Ele é um monstro! Não, ele não é.* Os seus olhos a hipnotizaram e ele a abraçou. A cauda da serpente deslizou entre as suas pernas apertando-a. Niara quis gritar, mas a sua mão tapou-lhe a boca. O abraço ardente dele a entorpeceu e logo os lábios dele se abriram num louco desejo de beijá-la. Niara estava impactada com a sua beleza e se deixou levar pela sensualidade do naga. Ela sentiu o corpo todo num frêmito de lascívia e se esqueceu de tudo. Ele a tomou nos braços e a transportou para um local perfumado de secretos desejos proibidos...

Marcos estava impaciente. Niara já deveria ter voltado. Não aguentava mais de preocupação e chamou novamente por Caronte. Ele veio. Marcos sabia que ele se negaria a atravessar com um homem dentro da barca, mas Marcos precisava de respostas.

Quando Caronte chegou, ele pediu explicações:

– Por que a jovem que levou não voltou? O que houve com ela?

– Avisei que era perigoso, mas não acreditaram.

– Ela deveria voltar em pouco tempo...

– Nunca se sabe o que se passa na cabeça de uma mulher. Não insista. Ela não voltará mais. Ademais, Poseidon é que decide o destino das mulheres que entram no templo.

– O quê? Só pode estar brincando comigo. — Marcos esbravejou na margem do rio.

Caronte desapareceu em instantes. Marcos ficou em pânico. Não sabia o que fazer para trazer Niara. Ele teria que ir atrás da equipe, encontrar o caminho de volta e trazer reforços. Teria que regressar e resgatá-la do perigo que estava correndo. Nesse momento, ele correu o mais que pôde pela vegetação e, com o auxílio da bússola tentou refazer uma possível rota, todavia se esqueceu da mochila que continha a cabeça de Medusa. Enquanto ele corria desatinadamente e em círculos, o

vento soprou muito forte levando a cabeça dela para o fundo do rio. Marcos se perdeu no caminho sem saber para onde ir. Na verdade nunca mais ninguém soube dele, ou o que tinha acontecido a ele, ou a Niara...

Dentro do templo de Medusa, tudo se tranquilizou e uma paz tomou conta de cada canto daquele cenário. O manto da noite deitou estrelas no céu trazendo o bálsamo suavizante para encontros e descobertas. O céu enegreceu num brilho estonteante e o luar empapou as flores adormecidas e intocadas num silencioso compassar de bocas e corpos...

Sobre a autora:

Dione Souto Rosa é formada em Direito, pós-graduada em Direito Processual Civil, Licenciada em Letras Português/Inglês, Curso de Piano Clássico, História da Música, Teoria e Solfejo, Mestranda em Teoria Literária pela Uniandrade/PR e membro efetivo da Academia de Letras José de Alencar/PR. Publicações em poesia com indicação ao Codex de Ouro/2011 e diversos contos em coautoria. Prêmio no Primeiro Concurso Cranik com o conto Nuada, o lendário rei Tuatha Dé Danann. Romance solo: Luar de Sangue e e-books Viagem ao Reino da Cabeça da Serpente e O Colar Celta. Convite para integrar Mr. Hyde – homem monstro.

E-mail: dirosa19@yahoo.com.br.

Fábrica de Ebooks
www.fabricadeebooks.com.br